

# ‘Não quero ser mãe... e então?’

Há mulheres cuja felicidade não passa pela maternidade, e que têm outras formas de viver e de ver a vida. Serão menos mulheres por isso?

Por Leonor Antolin Teixeira

**U**ma vontade intrínseca, um desejo verdadeiro e genuíno. Esta reportagem resume-se a estas palavras. Porque ser mãe trata-se disso, dessa vontade que nasce intrinsecamente, de querer cuidar, proteger e passar para essa pessoa que acolhemos nos braços aquilo que somos e o melhor que sabemos fazer, na esperança de que isso lhe traga felicidade e proteção. Este é um sentimento que nasceu comigo, algo que sempre esteve presente e que sempre senti ao longo da vida. Como eu, é a maioria das mulheres, certo? Mas este não é um sentimento que tenha nascido com Inês Rodrigues. A *designer* de interiores, de 42 anos, nunca sentiu o apelo da maternidade. Nunca se reviu nas palavras das suas amigas quando, ao torcer o nariz, porque ouvia uma criança a pedir um gelado aos gritos, comentavam: “Reages assim porque não és mãe. Um dia vais querer ser mãe, é a melhor coisa da vida!” Nunca quis. “Este desejo de ter filhos, assim como a aptidão para cuidar do bebé e a consequente qualidade da relação de vinculação mãe/bebé são aspetos básicos e fundamentais para o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças”, explica a psicóloga Cláudia Madeira Pereira. Inês preferiu não ter filhos. Porque se colocasse um filho no mundo, queria dar-lhe uma vida com qualidade e sabia que, se o fizesse, provavelmente não conseguiria proporcionar-lhe esse desenvolvimento equilibrado e harmonioso, porque a sua vontade não era intrínseca. Seria ela a principal responsável pelo bem-estar daquela criança, para sempre, e isso é algo que não está disposta a fazer. Portugal é o país da União Europeia com menor taxa de natalidade. Em 2013, o nosso país registou uma taxa bruta de 7,9 crianças por 1000 habitantes. Em 2014, o cenário manteve-se semelhante. Entre os meses de janeiro e novembro

desse ano, foram rastreados 75.985 recém-nascidos para o ‘teste do pezinho’, segundo a Unidade de Rastreio Neonatal; menos 58 crianças do que em igual período do ano anterior. Continuamos a ocupar o último lugar da União Europeia em termos de taxa de natalidade. Haverá cada vez mais mulheres a contribuírem para a manutenção desta tendência? Inês Rodrigues conhece algumas. “Há muitas mulheres a terem filhos e que, no fundo – mesmo no fundo e se calhar nunca o admitirão! –, não queriam. Eu conheço algumas – apesar de nunca o terem verbalizado – que tenho a certeza absoluta de que não queriam e conheço, pelo menos duas, que não vão ter por opção: uma assume-o com muita clareza e a outra disfarça, diz ‘ah não sei, vou ver...’ Mas sei que não quer”, explica. Serão elas menos mulheres por causa deste sentimento? A *designer* acha que não: “Eu sou uma mulher muito realizada, não tenho filhos, mas não sinto que seja menos realizada por isso, realizo-me de outras formas, porque, além de ser mulher, sou pessoa.” Casada durante muitos anos, Inês sempre manteve esta realização pessoal ao longo da vida, nutrindo uma grande paixão pela profissão, bem como por aquilo que a própria vida lhe foi proporcionando ao longo do tempo. Não querendo abdicar de certos padrões, tudo se conjugou para que a maternidade nunca viesse. “No início do casamento, ainda pensei nisso, mas depois nem eu nem o meu marido fazíamos grande questão, não era algo que verdadeiramente ambicionássemos e, portanto, acabou por não acontecer. Casei-me cedo, cheguei a pensar nisso por ser o percurso de vida idealizado pela sociedade, mas nunca cheguei a querer tanto ao ponto de fazer acontecer. E o meu marido também não. Depois, eu não sou uma pessoa nada paciente e acho que é preciso ter muita paciência... Eu, de facto, não tenho!” A tal vontade acabou por nunca chegar. “Não sinto nem nunca senti esse instinto, essa vontade, e acho que, acima de tudo,



Getty Images

é preciso ter vontade e essa vontade tem de vir de dentro.” Imaginar que teria de ser ela, sozinha, a assumir uma responsabilidade e um papel tão significativos foi algo que a fez, igualmente, nunca pensar em ser mãe, como refere: “Temos de estar preparadas, nós, mulheres, para assumirmos esse papel sozinhas, porque o mais certo é separarmos-nos do pai dos nossos filhos... Se calhar é triste dizer isto, mas é uma realidade, é algo que pode acontecer e, portanto, a pessoa tem de estar muito certa de que quer seguir esse caminho, de que quer assumir esse papel sozinha, e eu nunca quis isso... Para mim, se eventualmente pensasse em ter um filho, era porque se tratava de um projeto a dois com a pessoa que eu amo, fora disso não.”

O facto de gostar da sua vida simples e de não querer abdicar da liberdade que tem conduziu, depois, à decisão final. “Faço aquilo de que gosto, quando quero... Quero ir jantar fora, vou; quero ir ao cinema, vou; quero dormir até mais tarde, durmo... E não estou preparada para abdicar disso”, diz. Entretanto, separou-se – por outros motivos não relacionados com a maternidade – e hoje é uma mulher feliz e segura da decisão que tomou. “Há tanto filho mal-amado. Acho que é a maior crueldade que se pode fazer: pôr um ser humano neste mundo sem vontade de o ter cá, sem ter vontade de o educar, de o mimar, de o ensinar... Eu não estou disposta a isso, é uma responsabilidade a muito longo prazo para a qual não tenho paciência, não quero abraçar essa responsabilidade. Estou certa de que tomei a melhor decisão e estou muito segura dela!”, reitera. Hoje, Inês tem um namorado mais novo, que conhece a decisão que tomou, mas que “ainda não formou a sua. Um dia, se quiser ter filhos, separamo-nos, porque não será, com certeza, comigo”, acrescenta.

Joana Nobre, diretora técnica e de formação do Ales Groupe Portugal, de 33 anos, é casada, o marido é dois anos mais novo e partilham a decisão de não ter filhos. As profissões de ambos e o quotidiano agitado são duas das principais razões, como refere: “A nossa relação é ótima. Somos muito companheiros e felizes. O Luís e eu trabalhamos muito e não conseguiríamos ter um filho. Nenhum de nós é de Lisboa, por isso a família nem sequer pode entrar na equação. A profissão do Luís exige muitas viagens e ausências. E a minha está quase ao mesmo nível de agitação!” O futuro da nossa sociedade é outra das condicionantes que entram em jogo. Joana não quer criar um filho neste mundo, tal como está: “É uma decisão tomada conscientemente e com base nas circunstâncias da minha vida, no meu passado e no futuro que antevejo para a nossa sociedade global. Esta foi uma questão que já pensei e que analisei bastante, daí ser uma decisão consciente. Tento imaginar-me no cenário, analisar todas as circunstâncias. Ter um filho é um ato de responsabilidade e amor máximos. Nunca ninguém pediu para nascer, logo, convém pensar bem no assunto, porque é a vida de um ser humano que está em causa. O nosso mundo é difícil. Penso muito nas questões sociais, ambientais, na saúde. E, por tudo isto, consciente de tudo o que me rodeia, penso que seria egoísta da minha parte ter um filho neste contexto”, explica. Com Inês Rodrigues a diretora técnica partilha o gosto pela vida que tem e da qual não abdica: “Gosto da minha vida. E quando está tudo bem, é melhor não mexer para não estragar.” O medo de não desempenhar um bom papel enquanto mãe e de, eventual-



Joana Nobre.

“Ter um filho é um ato de responsabilidade e amor máximo. Nunca ninguém pediu para nascer, logo, convém pensar bem no assunto, porque é a vida de um ser humano que está em causa”, Joana Nobre

mente, o marido poder, igualmente, desempenhar um mau papel na função de pai são outros fatores que teve em conta: “Admito que tenho muito medo de tudo: do parto, da educação, da frustração de fazer um mau trabalho ou de fazer o melhor possível e ser mal-sucedida, porque isso também acontece... Penso sempre num filho como um caminho sem retorno. E como gosto muito do meu lugar, fico-me por aqui. Tenho a certeza de que seria uma mãe muito pouco equilibrada. Ter um filho não é só susten-

tá-lo, é preciso dar a dedicação certa, na dose certa, sem abusos nem excessos. Fala-se muito das carências, mas eu sinto que pecaria pelo excesso. Depois, não sei como é que se comportaria o meu marido no papel de pai. Não quero discutir com ele a questão dos colégios, das idas à discoteca, dos hábitos alimentares de um filho...”, diz. E como Joana, há outras mulheres. “Atualmente, este receio de não conseguir ser ‘boa mãe’ é uma das razões, entre muitas outras, que levam muitas mulheres a não desejarem ter filhos”, explica a psicóloga Cláudia Madeira Pereira. Por último, a alteração do seu relacionamento tal como o conhece é outro fator que faz afastar a vontade de ter um filho, como sublinha Joana: “Um casal muda muito quando nasce um bebé. Vejo algumas amigas em situações complicadas e não desejo essa vida para mim.”

### Uma sociedade tradicionalista

Está a ler este texto e a pensar: ‘Se calhar, estas mulheres não têm filhos porque não conseguem e depois dizem que não querem...’ Não é verdade. Estas mulheres não têm filhos porque não querem, simplesmente, tal como as que têm filhos o fazem porque querem. A decisão, de umas e de outras, é igual na sua liberdade e igual na sua essência de direitos, sejam eles pessoais, sociais, económicos, etc. Acusadas, muitas vezes, de serem egoístas, estas mulheres podem ser olhadas de outro prisma: serão egoístas ao não quererem colocar um filho no mundo com a atual taxa de desemprego, com a atual crise financeira ou até com a atual crise ambiental? Ou seremos nós, as que têm filhos, egoístas por o termos feito, só porque era essa a nossa vontade? Vivemos numa sociedade em que as mulheres são ainda alvo de muito preconceito e de muita discriminação social, segundo a psicóloga Cláudia Madeira Pereira: “Ainda hoje, a sociedade espera que as mulheres desempenhem aquele que é considerado, social e culturalmente, o papel primordial da mulher: o seu papel reprodutivo, de ser mãe e gerar filhos... Algumas destas mulheres veem a sua decisão respeitada pelos seus companheiros ou maridos, pelos familiares e pelos amigos. Porém, esta não é a norma. As mulheres que não correspondem a esta expectativa social e cultural, optando por não serem mães, acabam, muitas vezes, por ser julgadas, criticadas e questionadas por familiares, amigos... Para o círculo restrito das relações que mantém e para a sociedade em geral, estas mulheres estão em desvantagem porque se decidem não ter filhos é porque

não têm um parceiro; se têm um parceiro, é porque não têm uma relação estável; se têm uma relação estável, é porque têm algum problema de saúde, nomeadamente de fertilidade... Estas mulheres são vistas como apresentando quase sempre (se não sempre) algum tipo de problema, não lhes sendo permitida a decisão de simplesmente não querer ter filhos, porque esta não é considerada uma justificação plausível perante a sociedade. E isto, por sua vez, leva a que se sintam constantemente obrigadas a justificar a sua decisão e até a inventar desculpas, que possam ser aceites como plausíveis, perante familiares e amigos”, explica a especialista. Uma opinião partilhada por Andreia Castro, 37 anos, psicóloga: “As pessoas têm de encontrar uma justificação para tudo, porque simplesmente não se consegue aceitar o facto de uma mulher não querer ser mãe. Ou porque não apareceu a pessoa certa, ou porque o relógio biológico ainda não despertou, ou porque é muito egoísta para abdicar da sua vida, ou por causa de algum problema de saúde que não quer revelar... É raro alguém aceitar genuinamente o facto de não querermos ser mães. Parece que somos menos mulheres. Mas não, não somos. Nem menos nem mais nem melhores nem piores. Somos mulheres iguais a todas as outras. Não gostamos todas das mesmas cores, nem das mesmas músicas, nem dos mesmos homens (felizmente!), porque é que todas teríamos de querer ser mães?”, defende. A Andreia Castro incomoda o silêncio que sucede, geralmente, a pergunta inevitável quando se tem um relacionamento estável – ‘então e filhos?’ – à qual responde sempre com um redondo ‘não quero’. Incomoda-a, não porque seja uma pessoa tímida ou sensível, até porque é “uma pessoa muito prática e pragmática na vida e nas opiniões”, diz, acrescentando: “Quando digo que não quero, é raro alguém insistir no assunto, mas são sempre situações que causam desconforto.” Tem namorado, ele conhece a sua decisão e nunca viu a relação ser afetada por não querer ter filhos. À semelhança de Inês Rodrigues também Andreia Castro nunca sentiu a tal vontade intrínseca. “Nunca senti esse apelo. Adoro crianças, já trabalhei com elas, inclusive, durante vários anos, mas acho que as adoro por não serem minhas! [risos]”, brinca. Diverge da *designer* no que toca à rigidez da sua decisão: “Uma decisão nunca é definitiva na vida, podemos sempre mudá-la e seguir outro rumo... Não quero, nem nunca quis. Quanto ao futuro, nunca digo nunca”, explica. Isabel Lima também não se vê com filhos. Não sente que sofra algum tipo de pressão familiar, mas sente-o da parte da sociedade. “As pessoas dizem ‘fica para tia, coitada, algum problema deve ter...’ Mas não será isso que vai alterar a minha vontade. Se acontecer, será porque eu assim o desejo.” Convicta da decisão que tomou, acredita que ainda pode vir a alterá-la. Fruto das circunstâncias da vida, a opção de não querer ser mãe passa também pela “despesa e pela desarrumação da casa... As horas de sono perdidas, a falta de independência...”, diz, acrescentando: “O meu namorado mora a 300 km de distância e ser mãe solteira não é uma opção. Claro que há muitos casais que se separam, mas encargar todo o processo com alguém à distância não é uma questão que sequer se coloque. Depois, porque olho para os meus amigos que foram pais e vejo a mudança no dia a dia, pela qual, para já, não me apetece passar.” >>

### Elas também não querem!

SE ACHA QUE ESTA QUESTÃO CONDIÇÃO APENAS A VIDA DAS MULHERES QUE CONHECE, DESENGANE-SE! EM HOLLYWOOD ELAS SOFREM AS MESMAS PRESSÕES SOCIAIS E OS MESMOS OLHARES CRÍTICOS.

#### OPRAH WINFREY

PORQUÊ? A mais popular estrela de entretenimento norte-americana não quer filhos, porque, se os tivesse, o mais provável era que a odiassem. Numa entrevista à revista *The Hollywood Reporter*, em 2013, a apresentadora explica: “Se tivesse filhos, eles iriam acabar num programa equivalente ao meu e a falar de mim, porque algo teria de ser sacrificado na minha vida e provavelmente seriam eles.” A apresentadora foi mãe aos 14 anos, mas o bebé viveu apenas algumas semanas. Desde então, nunca mais pensou em ter filhos.

#### JENNIFER ANISTON

PORQUÊ? Apesar de ter mantido sempre alguma discricção em relação à questão da maternidade, a atriz revelou numa entrevista à revista *Allure*, no início deste ano, que não gosta, acima de tudo, da pressão que sente por parte da sociedade e de ser acusada com frequência de egoísmo. “Não gosto da pressão que colocam sobre mim e sobre todas as mulheres que, como eu, decidem não ter filhos, passando sempre a ideia de que falhámos enquanto mulheres por não termos procriado. Não acho que seja justo, porque podemos não ser mães, mas isso não significa que não possamos desempenhar o papel de mães com outras crianças ou mesmo o papel de cuidadoras com animais de estimação, por exemplo. Dizem constantemente que sou uma pessoa egoísta porque só penso na minha carreira e em mim mesma... É um insulto e um abuso. Eu não tenho filhos, assim como conheço casais que não têm filhos, ou porque não querem ou porque não conseguem, seja o que for... Cada um terá as suas razões e todas são válidas”, explica.

#### CAMERON DIAZ

PORQUÊ? Numa entrevista à revista *Esquire*, no ano passado, a atriz confessou que o apelo da maternidade foi algo que nunca chegou, que nunca sentiu vontade de ser mãe. “Adoro a vida que tenho e não quero ter a responsabilidade de ter cuidar de alguém nos próximos 18 anos! A minha vida é maravilhosa, quero mantê-la assim. Respeito as pessoas que decidem ter filhos e gostaria que respeitassem a minha decisão também. Não quer dizer que, por vezes, a vida não seja difícil, mas ser mãe é algo que não faz decididamente parte da pessoa que sou e eu gosto muito de me preservar como sou, de ser fiel às minhas convicções”, referiu. Cameron Diaz fala abertamente sobre o assunto e sempre sem grandes preocupações.



#### ELLEN DEGENERES

PORQUÊ? Casada com Portia de Rossi há sete anos, a apresentadora norte-americana confessou numa entrevista em 2013 à revista *People* que ser mãe é algo que não está nem nunca esteve nos seus planos. “Provavelmente, iríamos fazer um trabalho fabuloso... Mas trata-se de um ser humano que será nossa responsabilidade para sempre, portanto, a não ser que uma pessoa ache que tem capacidades excelentes, todo o trabalho que ser mãe acarreta e toda essa responsabilidade... É algo para o qual não estou preparada e a minha mulher também não...” Também Portia de Rossi falou no ano passado sobre a questão da maternidade numa entrevista ao famoso programa *Jimmy Kimmel Live*, afirmando: “Sinto que estamos a dececionar a América inteira por não querermos filhos, incluindo a minha mãe. Passamos muito tempo com as minhas sobrinhas, a Eva, de 5 anos, e a Perry, de 3, mas depois vamo-nos embora!”

#### MARISA TOMEI

PORQUÊ? É, há muitos anos, conhecida a posição da atriz em relação ao assunto maternidade. “Não acredito na instituição casamento e não percebo porque é que insistem tanto para que uma mulher se case e tenha filhos. Não considero que a realização pessoal de uma mulher tenha de passar necessariamente pela questão da maternidade... Eu não preciso de ser mãe para me sentir completa”, é uma das mais famosas citações da atriz, em entrevista à revista *Manhattan*, em 2009. Aos 51 anos, mantém a mesma opinião.



Imagens Reuters



Getty Images

## 'Muitas mães se esquecem de que também são mulheres...'

Carolina Mendes é minha amiga de infância, apesar de ser três anos mais velha do que eu. Cresceu comigo, brincámos e pulámos juntas vezes sem conta e fingimos, muitas dessas vezes, que os nossos Nenuncos eram bebés reais que precisam de atenção, de alimentos e de uns ralhetes, até! A Carolina tornou-se mulher ao mesmo tempo que eu, teve três filhos e hoje, com 37 anos, é muito feliz! Casou-se cedo, tinha 26 anos (e digo cedo porque hoje a idade média de casamento ronda os 30 e poucos anos... Eu própria tinha já 30 anos quando me casei), mantém-se casada, mas mantém-se também mulher. Não abdica das saídas à noite no Carnaval de Torres Vedras com o marido – porque há sempre uma 'boa alma' que não se importa de ficar com os miúdos, sejam os avós ou os amigos (aqueles que não gostam do Carnaval, claro!). Adora ir – de vez em quando e sempre que as despesas mensais deixam alguma folga – ao *spa* ou fazer uma massagem. E gosta de passar um fim de semana ou outro fora com o marido. Talvez por isso o casamento dela tenha sobrevivido saudavelmente até hoje. Quando fui mãe, a Carolina avisou-me logo: “Vais sentir que não consegues estar longe da tua filha nem por um segundo, mas tem cuidado... Não te esqueças nem de ti como pessoa e das tuas necessidades nem do teu marido e do teu relacionamento... Senão, o mais certo é que alguma coisa venha por aí abaixo...” E a Carolina tinha razão. Não podemos abdicar da pessoa que somos por sermos mães, até porque os nossos filhos querem, com toda a certeza, mães felizes, para que possam crescer felizes também.

Para a psicóloga Cláudia Madeira Pereira este é um dos principais motivos que levam a que muitas mulheres evitem a maternidade. “A ideia de que estas mulheres são egoístas provém do facto de a sociedade nos levar ainda hoje a acreditar que ser mãe implica renunciar aos prazeres da vida... Nem a maternidade tem de ser vivida sob a forma de renúncia aos prazeres da vida nem a decisão de não ter filhos tem necessariamente subjacente o desejo de não abdicar de tais prazeres...”, explica. Uma opinião partilhada por Inês Rodrigues. “Eu sou apologista de que uma mulher, mesmo sendo mãe, não deixe de ser mulher... E isso é outra forma de pressão quando me dizem: ‘Ah, pois, tu dizes isso porque não tens filhos.’ De facto não tenho, mas conheço pessoas que têm e que não deixam de ser pessoas.”

Vivermos bem connosco e sermos felizes, é disso que se trata a vida. É disso que se trata também a decisão de querermos ou não um bebé nos braços. Porque para muitas mulheres isso traz felicidade, mas para outras não. Para muitas mulheres a realização pessoal traduz-se no sorriso de uma criança que é sua, mas para outras não. E não são menos mulheres por isso. Porque, antes de serem mulheres, são pessoas. E as pessoas são seres individuais que divergem nas suas vontades, nos seus desejos e na sua fórmula de felicidade. ●

>> Será, então, a sociedade portuguesa demasiado tradicionalista? A psicóloga Cláudia Madeira Pereira acredita que sim e que dificilmente esse cenário mudará. “Apesar das transformações sociais, e ainda que atualmente a sociedade possa aceitar uma maior independência nas tomadas de decisão por parte das mulheres a vários níveis, no que respeita a ter filhos, isto é algo que parece continuar a ser mais um ‘dever’ do que uma opção para as mulheres...” Uma opinião partilhada por Inês Rodrigues: “Os meus pais são pessoas com uma mente muito aberta e sempre respeitaram a minha decisão. Mas muitos dos meus familiares e muitos dos meus amigos não. Diziam-me: ‘Tens uma vida estável, o teu marido também... Porque é que não tens filhos?’ E, mesmo depois de me separar, ouvia com frequência coisas do género: ‘Como é que uma mulher como tu não tem filhos?’, como se fosse uma anomalia. Acho que vivemos numa sociedade demasiado tradicionalista.” Ironicamente, a nossa sociedade não exige este papel a todas as mulheres. Não é expectável o mesmo de uma mulher jovem e sem emprego do que de uma mulher adulta com uma vida estável. É esta a visão da psicóloga Cláudia Madeira Pereira: “A expectativa não é colocada de forma igual sobre todas as mulheres, já que é das casadas, com determinada idade, nível académico e profissional que a sociedade espera que tenham filhos... Mulheres jovens, solteiras, com baixos níveis escolares e em situação económica desfavorável são julgadas irresponsáveis quando são mães...”

Andreia Castro.

Andreia Pinho

“Nunca senti esse apelo. Adoro crianças, já trabalhei com elas, inclusive, durante vários anos, mas acho que as adoro exatamente por não serem minhas! [risos]”, Andreia Castro